

## JOVENS, TRABALHO E EDUCAÇÃO: PROCESSOS IDENTITÁRIOS NA CONTEMPORANEIDADE

Tânia Regina Raitz<sup>1</sup>

### Resumo

Este texto apresenta os resultados de uma investigação com jovens da ilha de Santa Catarina (Florianópolis) que passaram por cursos de formação profissional e vivem diversas situações de trabalho e educação. Como os jovens constroem suas identidades nestes espaços como o trabalho e a escola e quais os sentidos que emergem deles e a experiência com o desemprego constitui a problemática central deste estudo. O objetivo foi analisar a heterogeneidade vivida pelos jovens na relação que estabelecem com o trabalho e a educação, os sentidos do trabalho e a experiência com o desemprego na atualidade. A abordagem é de natureza qualitativa em que foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com oito jovens (quatro homens e quatro mulheres). Os resultados mostram que os jovens se constroem como sujeitos através de diversas experiências numa relação processual dinâmica. A dimensão que o trabalho ocupa em suas vidas aparece como fundamental em suas vivências. A experiência com o desemprego mostra as oscilações, flutuações, inconstâncias, inseguranças e movimentos circundantes de continuidades e descontinuidades diante das transformações do mundo do trabalho. A diversidade dos sentidos do trabalho é caracterizada pela complexidade da própria identidade sempre em constituição, em razão de o mundo estar em constante mudança. Foram apreendidos como fios que se conectam e se entrecruzam, dependendo de

---

<sup>1</sup> Tânia Regina Raitz. Rua Acelon Pacheco da Costa, 231 Bloco B, apto 407 – Itacorubi – CEP 88034040 – Florianópolis. Telefone (48) 33347576, e-mail [raitz@univali.br](mailto:raitz@univali.br). Professora do Programa de Mestrado em Educação da Univali – Universidade do Vale do Itajaí, Líder do Grupo de Pesquisa Educação e Trabalho do PMAE. Atualmente realizando pós-doutorado na Universidade de Barcelona –UB – Espanha.

cada contexto que os jovens vivenciam. As escolhas e incertezas ficam entre o real, o possível e o desejado quanto a seus projetos educacionais e laborais.

**Palavras-chave:** jovens; Identidade; Trabalho; Educação; Ilha de Santa Catarina.

### **Introdução**

Na atualidade é visível certa saturação de referências aos papéis que os jovens devem desempenhar na sociedade e uma crescente valorização da própria idéia de juventude. Muito tem-se falado sobre adolescência e juventude, todavia, a afirmação de seu reconhecimento constitui um fenômeno relativamente novo, ressurgindo com mais intensidade na década de 90 do século XX, depois de um certo período de silêncio. Neste resgate, é importante o volume de estudos que passam a problematizar a cultura juvenil a partir de suas experiências, percepções, sentidos, formas de sociabilidade e atuação. Mesmo assim, ainda se sabe muito pouco sobre a identidade de um conjunto de jovens brasileiros, que vivem uma realidade cotidiana, por vezes, permeada por travessias e encruzilhadas difíceis de apreender, especialmente na relação que estabelecem com o trabalho e a educação.

O olhar que se tem na vasta bibliografia existente sobre os termos adolescência e juventude, por um lado, auxilia e, por outro, pode confundir diante de tantas rotas, escolhas, pontos de partida, abordagens, agudezas, intensidades, problemáticas, similitudes, relações e diferenciações, elaboradas por diversas áreas do conhecimento: sociologia, antropologia, psicologia, história, economia, educação e outras.

Nesta pluralidade de ênfases constitutivas, que denotam não só uma, mas várias juventudes, buscou-se suporte em alguns autores que vêm direcionando suas pesquisas, análises e debates aos problemas que afetam a juventude contemporânea no contexto sócio-econômico e cultural, fazendo um recorte nas interpretações e análises que se aproximam dos objetivos deste estudo. Portanto, analisar a heterogeneidade vivida por jovens da ilha de Santa

Catarina que participaram de cursos de educação profissional e experimentam diversas situações de trabalho e educação é o objetivo principal. Como consequência, neste contexto, pode-se identificar como constroem suas identidades nestes espaços, os sentidos do trabalho e da educação e a experiência com o desemprego.

### **Juventude numa perspectiva de construção histórica sócio-cultural**

Observando a gênese de definições como adolescência e juventude, constata-se que elas vêm sendo moldadas ao longo do século XX e começo do século XXI. Embora a suposta visibilidade no presente, da adolescência e juventude, não dá para negar que muitos grupos ainda continuam sofrendo imposições sociais que impedem o exercício de sua autonomia, ou seja, as potencialidades que existem em cada um de nós, no desenvolvimento de sujeitos, na sua totalidade. Essa mutilação sofrida por muitos jovens e adolescentes não ocorre sem conflitos, talvez aí aconteça o resgate de seus recursos potenciais, porque eles continuam protestando contra os olhares em sua negatividade, mesmo sem perceber, mesmo que não estejam organizados.

Ao mesmo tempo, que se assiste uma crescente valorização desta fase da vida e de suas potencialidades, como mostram muitos estudos, de Sposito (1994, 1997, 2000, 2001, 2009, 2010); Abramo (1997); Nakano (1995); Marques (1997); Pais (2001); Raitz (2003) e muitos outros, também não se pode fugir dos referenciais que demonstram uma outra realidade, da negação em viverem suas singularidades. Estes estão alicerçados muitas vezes nos modelos impostos pela indústria cultural, na qual se criam padrões de comportamento e necessidades que ultrapassam as reais necessidades dos indivíduos, aquelas que podem ser vitais. Segundo Giovinazzo, (2003) e Zucchetti (2010), em muitas sociedades ainda existem obstáculos sociais, econômicos e culturais intransponíveis, impedindo uma formação mais completa dos indivíduos e das novas gerações.

É na historiografia que se pode observar como os conceitos de “adolescência e juventude” vêm se transformando ao longo do processo de constituição de nossa civilização.

Neste sentido, Sposito (1997, p 37), se referindo à juventude, diz que “a própria definição da categoria [...] encerra um problema sociológico, passível de investigação, na medida que os critérios que a constituem como sujeitos são históricos e culturais”, mas como teria dito Margulis (1996 apud SPOSITO, 1999, p. 3) “ a condição histórica-cultural de juventude não se oferece de igual modo para todos os integrantes da categoria estatística jovem”.

A constituição de abertura e flexibilidade encontrada na literatura existente faz perceber que as categorias adolescência e juventude não aparecem como unas e homogêneas, mas, em muitos casos, alguns autores chegam a tratá-las como sinônimos, causando certa confusão. Uma posição metodológica mais adequada ou necessária no campo semântico da juventude é defendida por Pais (1993) quando argumenta que o olhar que se tem em sua aparente unidade deve ser transposto também em sua diversidade. Não há, de fato, um conceito único de juventude que possa abranger os diferentes campos semânticos que lhe aparecem associados. As diferentes juventudes e as diferentes maneiras de se olhar essas juventudes corresponderão, pois, necessariamente, a diferentes teorias (PAIS, 1993, p. 37).

Desta maneira, apropriar-se-á do que sugere Pais (1993) para escapar das generalizações homogêneas que propõe olhar para a tese das reações diferenciadas dos jovens em relação ao trabalho, ao emprego e o desemprego. Caso se considerar que a juventude não é apenas um elemento da diversidade, mas contém unidade e diversidade, uma vez que os jovens vivem realidades sociais bastante diversas e constroem identidades também individuais e coletivas distintas, pode-se dizer que estes assumem características tão diversificadas quanto os universos de relações sociais possíveis. É nessa perspectiva teórica, nessa forma de considerar o jovem que se filia o presente texto.

### **Discutindo sobre identidade**

Uma das primeiras considerações a serem feitas quando se refere aos jovens e seus processos identitários é que está se falando de fenômenos marcadamente plurais e

diversificados. Para discorrer sobre os processos experimentados pelos jovens que fizeram parte desta investigação, desenvolver-se-ão algumas questões que envolvem o conceito de identidade. Na nossa vida cotidiana, percebe-se que este termo deixa oculto uma multiplicidade de significados. Em muitas situações que vive-se diariamente a experiência da falta como incompletude, talvez seja a que mais chama a atenção. Melucci (2002, p 13) diz que “não podemos mais identificar nossas necessidades de modo unívoco porque estas pertencem a um campo simbólico atravessado de tensões”.

Este autor diz que é justamente frente à experiência da falta que nos constitui no mundo, como seres da incompletude, que surgem perguntas sobre nós, sobre quem somos, sobre quem é o outro, em síntese, sobre nossa identidade. Inegavelmente são perguntas abertas e complexas para se obter respostas tão rápidas, tão ligeiras, isto implica uma complexidade maior, especialmente no caso dos jovens, que vivem se defrontando com estas perguntas. O estudo sobre a formação ou construção da identidade aparece na antigüidade do mundo filosófico, porém, estes processos vêm sendo transformados ao longo da história ocidental. Kuhnen (2002) aponta que foi somente quando um contexto sócio-cultural mostrou-se favorável às questões identitárias que houve o desenvolvimento de tais estudos. Diante desta problemática, refletir sobre esta noção não é uma das tarefas mais fáceis, uma vez que existe toda uma tradição especialmente em áreas das ciências humanas, como a psicologia, a sociologia e a antropologia, que trazem abordagens variadas.

Todavia, parece consenso relacioná-la com a alteridade, bem como promover uma tentativa de ultrapassar os olhares que buscam apenas circunscrever e descrever a identidade individual e coletiva como um dado único e estático, isolado e recortado, como uma imagem congelada em uma fotografia. Neste sentido a idéia deixada pelo legado iluminista, de um indivíduo portador de uma essência pessoal, centrado, unificado, dotado de capacidades da razão, da consciência e da ação, cujo centro nascia com o indivíduo e com ele permanecia,

não dá mais conta da complexidade do social, ao invés disso, aponta para outro pólo, sujeitos experimentando nas relações sociais suas múltiplas identidades.

Desta forma, a noção de identidade, no contexto das sociedades complexas em permanente movimento de transformação, apresenta uma perspectiva de um sujeito com características cambiantes, que se encontra num campo de ação social e de relações, contrapondo-se a idéias determinísticas, de uma identidade homogênea que não dá mais conta da heterogeneidade, complexidade e pluralidade do social. Desta maneira, o empenho de Melucci (2002) quanto a seu referencial analítico é primordial quando, neste trajeto, reconhece a identidade como um campo de ação, da constituição da identidade que se define a partir de um conjunto de relações, de um eu que é permanente e múltiplo, que está em constante negociação através das experiências diversas de vida.

Sawaia (1996) acaba por elucidar a identidade como uma síntese inacabada de oposições, posição esta que permite garantir o que é individual e coletivo, o que é próprio e alheio, o que é igual e diferente, assemelhando a um fio que direciona ora para um ponto, ora para outro. Desta forma, afirma a relação paradoxal existente neste conceito, relativiza seu significado como algo que permanece ou como multiplicidade, conectando a uma visão semelhante à de Melucci. Portanto, para a autora, estão contidos na identidade dois movimentos no processo de identificação, isto é, identidade significa permanência e multiplicidade. Estes dois significados devem ser incorporados para a compreensão do homem como ser capaz de atuar, de refletir e de se emocionar, transformando a si mesmo e o contexto no qual se insere.

### **A diversidade dos sentidos sobre o trabalho**

Não se pretende, portanto, nos limites deste trabalho, reconstruir o constructo ou arcabouço existente sobre os diversos sentidos do trabalho e seus períodos históricos, esta investigação muitos autores já o fizeram, e isso por si só já constituiria uma pesquisa teórica de grande envergadura, que no momento vai além das possibilidades deste artigo. Assim,

pretende-se explorar algumas abordagens que dão suporte para que se possa analisar como se configuram alguns desses significados encontrados na pesquisa empírica. Diversas são as análises que levam a explicar o fenômeno, entre essas considerações, um debate polêmico e complexo que vem sendo engendrado é sobre a centralidade ou não do trabalho, colocando em xeque a questão do trabalho como sentido e valor e dimensionando o debate para outros espaços de inclusão além deste<sup>2</sup>. Pais (2001) argumenta que as próprias representações sobre o trabalho estão atualmente marcadas por instabilidades naquilo que se apresenta como turbulência, flexibilidade e impermanência nas trajetórias juvenis ou de seus percursos laboriais, isto não quer dizer que o trabalho não seja uma esfera importante na vida dos indivíduos, mas ganha novas dimensões.

Nota-se, diante da circunstância explicitada tanto por Arendt (1995) como por Albornoz (1992), que em todas as línguas européias, antigas e modernas, existem duas palavras de etimologia distintas para denotar o que para nós, hoje, é a mesma atividade, conservando, desta forma, o uso repetido como sinônimo - labor e trabalho.

A língua grega diferencia entre *ponein* e *ergazesthai*, o latim entre *laborare* e *facere* ou *fabricari*, constituindo, desta maneira, a mesma raiz etimológica; o francês entre *travailler* e *ouvrer*, o alemão entre *arbeiten* e *werken*. Em todos estes casos, apenas os correspondentes ao labor têm conotação de dor, sofrimento e atribulação. Nestas designações, o francês *travailler* substituiu uma palavra mais antiga *labourer*; que surge de *tripaliüm*, espécie de tortura que Albornoz destaca como um instrumento feito de três paus, que, por vezes, incluía algumas pontas de ferro e era utilizado pelos agricultores para bater o trigo, esmiuçar espigas de milho e rasgar o linho, sendo usado também para domesticar animais e torturar escravos. Portanto, a mesma origem de trabalho que é derivada de trabalhar oriunda do latim vulgar – *tripäliäre*,

---

<sup>2</sup> Não se pretende, no limite deste estudo, aprofundar este debate, da centralidade ou não do trabalho, deixa-se claro que não se desconhece, todavia, a polêmica engendrada em tais reflexões e posições de vários autores como Offe (1989); Gorz (1982), Habermas (1987); Frigotto (1998); Antunes (1995, 2000); Hirata (1998,) dentre outros, necessitaria de um outro espaço que no momento não é possível.

torturar, deriva de tripālium, idéia inicial de sofrer que foi substituída por esforçar-se, lutar , pugnar e, por fim trabalhar.

Na concepção teológica bíblica, o labor já aparece como parte da própria criação do mundo e do homem, primeira forma de trabalho realizada no universo. Este fato, levado a uma visão mais ampliada, aparece em a “Ética Protestante o Espírito do Capitalismo”, obra na qual Max Weber (1980) retrata o ascetismo protestante como base da moderna civilização vocacional, um tipo de construção “religiosa”, da economia moderna. Neste estudo, o autor retrata como as várias seitas religiosas contribuíram para a acumulação do capitalismo e para a racionalidade da sociedade moderna. O trabalho aparece como forma de agradar a Deus, como um meio de salvação para a entrada no reino dos céus. O homem era chamado por Deus para cumprir sua providência no mundo através de seu trabalho e, somente através deste, a humanidade renderia honras e glórias a Deus.

Algumas breves reflexões podem ser feitas também na questão do trabalho elaborado por Marx (1980 e 1989) que aqui estão ancoradas em seus pressupostos na obra “O capital, livro I, vol. 1 e 2” e nos “Manuscritos Econômicos Filosóficos”. Desta forma, pode-se buscar alguns elementos para pensar o trabalho como valor<sup>3</sup>, perspectiva que amplia em muito a discussão sobre formação profissional, quando pensada no seu sentido da Omnilateralidade. A questão do “trabalho”, elaborada pelo autor, perpassa grande parte de sua obra buscando compreender a força motriz do Capitalismo em suas contradições. Para Marx, a base fundamental constituída em cada sociedade humana passa pelo processo de trabalho, seres humanos cooperando entre si para fazer uso das forças da natureza e, portanto, para satisfazer as necessidades, para ele, humanas. Conforme Marx (1980) o trabalho de cada indivíduo ou grupo de indivíduos é trabalho social no sentido de que ele contribui para as necessidades da

---

<sup>3</sup> Muito já se produziu acerca das idéias de Marx em várias áreas do conhecimento, não se pretende aqui se aventurar numa análise epistemológica ou ontológica de sua obra. Interessa sim compreender um pouco mais sobre o sentido do trabalho como valor. Para um aprofundamento deste assunto em sua ampliação como valor moral humano, ver Zuchetti (2002) e Boff (2000).

sociedade. Essas necessidades exigem todo o tipo de diferentes produtos, sendo necessário que diferentes tipos de trabalho útil sejam feitos. Nestes processos diversos que revelam jovens vivendo diferentes situações de trabalho e de vida, cada vez mais a preparação e a elaboração de um projeto para o mundo do trabalho tornam-se complicadas.

### **Procedimentos metodológicos**

A pesquisa de abordagem qualitativa foi realizada por meio de entrevistas com 8 (oito) jovens que participaram de cursos de formação profissional em duas instituições de formação profissional, em Florianópolis- Santa Catarina. O que se apresentou de forma mais consistente foram mesmo as diferenciações ou a diversidade, caracterizando o que Pais (2001) enfatiza sobre a condição juvenil. Contudo, a escolha tomou como ponto de partida a questão gênero, quatro homens jovens e quatro mulheres jovens. Destes quatro que estariam trabalhando e quatro desempregados, em relação à idade neste perfil foram encontrados jovens de 20-25 anos. Foram quatro meses de entrevistas, perfazendo três encontros com cada um dos jovens. As entrevistas foram semi-estruturadas (abertas e dialógicas).

### **A heterogeneidade vivida pelos jovens: o trabalho, a educação e o desemprego**

Neste estudo os jovens entrevistados mostraram que explorar o tempo e o espaço nos quais se movem, nas fronteiras dos sonhos, dos desejos, entre dúvidas e escolhas, nos temores das relações entre educação e trabalho, no esforço de falar e nas necessidades de serem escutados, se espelham num lugar de contrastes, da intensidade do contraditório, do aleatório, das articulações mais significativas da experiência humana, aquelas que se encontram diluídas no tempo da vida (MELUCCI, 2003).

As permanências, abandonos e retornos escolares representam um constante movimento circulante no cotidiano dos jovens entrevistados no sentido de garantir reconhecimentos em trajetórias múltiplas que se moldam, se ressignificam e se modificam em busca de aprendizagens e conhecimentos, ao mesmo tempo em que o cotidiano, o presente, incorpora a permanência materializada em tarefas rotineiras em relação à escola e ao trabalho.

Dormir tarde e acordar cedo foi algo que apareceu nas falas dos jovens como uma dificuldade que passa a ser a rotina enfrentada no dia-a-dia na busca de seus projetos e sonhos, da mesma forma para os que estão desempregados e acordam cedo em busca de trabalho.

A multiplicidade aparece nas alternativas, estratégias e tentativas, no desdobrar dos sacrifícios para aliar trabalho e estudo, as horas vagas são poucas, o esforço pessoal passa a ser uma tentativa de inclusão pelo que já foi produzido em suas trajetórias. Neste sentido, como diz Melucci (2002), o eu não deixa de ser impermeável, ao mesmo tempo, penetra o desraizamento do já constituído, do já vivido. O permanente e o múltiplo, o ir e vir constante marcam o desejo de chegar a ser muito mais do que se foi na construção de suas identidades. Estes voltam à escola com o desejo de obter um emprego, especialmente aqueles que escolheram um supletivo como meio mais rápido de escolarização. Nestes processos diversos, nota-se que os jovens vivem diferentes situações escolares, de trabalho e de vida, em que cada vez mais a preparação e a elaboração de um projeto para o mundo do trabalho tornam-se complicadas.

A multiplicidade de tempos e papéis que são requeridos em suas experiências acaba por dividir a experiência cotidiana, criando-se circunstâncias num campo aberto de escolhas, pressões, controles e manipulações. Mediante as falas destes jovens, verifica-se que não deixam de perceber as mudanças no mundo do trabalho e sua relação com a escola, por mais que alguns não gostem, a preocupação com a escolaridade está presente, a permanência na escola também se apresenta como possibilidade para o trabalho, apesar de que, para alguns, o trabalho impede a volta para à escola. Para alguns também, prolongar a escolaridade seria o caminho mais próximo e estimulante para a satisfação pessoal e um trabalho mais realizador. Não deixam de perceber que a multiplicidade de papéis exigidos lhes impõe capacidade de mudar a forma, permanecendo os mesmos. As mudanças em seus trajetos escolares, de formação e de trabalho, para além da necessidade de aquisição de conteúdos cognitivos, os

colocam diante de situações que os levam a enfrentar novos e inesperados problemas, neste ponto, a identidade tem jogo, oscila, se contradiz.

Pode-se dizer que o encantamento e a recusa da escola pressupõem a dialética de afirmação e negação, de permanência e multiplicidade. Neste sentido, as modificações no pensar, no fazer-se cotidianamente redefinem-se em múltiplas identidades, as escolhas fazem parte do jogo, os jovens se espelham em si mesmos como meio para enfrentar os desafios e as mudanças na construção de suas identidades.

A pesquisa qualitativa mostrou as diversas situações vivenciadas pelos jovens pesquisados, tais como trabalho informal, precário, temporário, experiências com o desemprego nas várias modalidades que o caracterizam. Isto revela um conjunto de situações diferenciadas vividas na condição juvenil, incertezas e inseguranças no mundo do trabalho, frágeis vínculos empregatícios, trabalhos temporários, precarizados, desemprego, o que configura o próprio contexto sócio-econômico das características predominantes do mundo do trabalho na microrregião de Florianópolis.

Estas características apresentam bem as marcas da informalidade e da sazonalidade na microrregião. Estas trajetórias consideradas em movimentos, cambiantes, se moldam, muitas vezes, num período curto, outras vezes esse se alonga na condição juvenil, aqui chamadas de movimentos de permanência e metamorfose na construção de suas identidades. Para estes jovens não existe uma única realidade de trabalho que se encaixe perfeitamente nos moldes tradicionais, mas sim diversas. As vivências dos jovens se apresentam nas crescentes inconstâncias, flutuações, continuidades e descontinuidades, metamorfoses, movimentos de vaivém, como se estes jovens exercitassem, como assinala Pais (2001), a sua capacidade de pássaros migratórios, naquilo que se configura suas trajetórias de trabalho.

Os cursos de Educação Profissional, para a maioria dos jovens da pesquisa, não ajudaram a conseguir emprego, apenas dois dos oito da pesquisa qualitativa, que fizeram os cursos na CUT, tiveram estas chances, mas se apresentaram como espaços educativos que

trouxeram outros benefícios, mais pessoais do que profissionais. Neste sentido, aparecem em espaços mais livres, as regras são mais frouxas, aprendizado mais técnico e específico, menos teórico, diferentemente da escola, onde o conteúdo é mais abrangente, segundo alguns. Tanto os cursos como a escola se apresenta, para alguns, como um espaço de sociabilidade, encontrar amigos e conversas informais. Não se nega que a Educação Profissional se constitui indispensável a um bom desempenho profissional, mas o que está em jogo, na realidade, é a necessidade de investir mais e melhor nela, contudo, isto também não significa solucionar o problema do desemprego juvenil.

Na exploração dos diversos sentidos do trabalho, da formação, da escolarização para os jovens, é possível a concretização de políticas públicas para a juventude. Deste modo, uma segunda preocupação esteve pautada neste estudo, com uma concepção de formação humana que dá conta da pluralidade e diversidade, dos processos educativos como arte de conformar o humano, os sentidos, as vivências, as experiências, os impulsos, a sensibilidade, o vivido, os afetos, etc.

Os sentidos do trabalho se apresentam de forma ambivalente, que oscila entre o desejo e a insegurança, como meio de sobrevivência, independência, dignidade ou respeito como formadores de identidade, auto-realização, e a experiência do não-trabalho como vazio, tédio, desvalorização frente ao desemprego. Em suma, nota-se que o trabalho não deixa de ser importante e central na vida destes jovens, entretanto, vem marcado por sentidos diversos justamente por causa da complexidade da própria identidade sempre em constituição, bem como pela própria conjuntura do mundo do trabalho nas sociedades atuais. Observa-se que um primeiro significado que emerge para os jovens, independente do gênero e da escolaridade, é que o trabalho está intimamente associado à aquisição de renda como possibilidade primeira de adquirir os meios de sobrevivência, para ajudar a família, para a própria continuidade de suas vidas. Num segundo momento, a renda contribui principalmente para os que possam trabalhar ir além na aquisição de casa própria, despesas necessárias de

alimentação e bens pessoais, já para outros, proporciona lazer e auxilia como possível concretização de sonhos e projetos de vida.

Aprofundando o que significa trabalhar, para estes jovens, descobrem-se outros sentidos que despontam em seus depoimentos que ultrapassam a renda como mera sobrevivência. Em suas percepções, misturam-se sentidos de independência, dignidade e respeito como formadores de identidade, como auto-realização, e um último sentido ligado à experiência do desemprego como ausência de trabalho e como privações, dependendo dos espaços que ocupam.

A experiência do desemprego de quatro jovens marca este estudo como um aspecto negativo, como flutuações e oscilações no estar empregado e desempregado, indicando sentimentos de desvalorização, tédio, vazio, vergonha, culpa, sentido de inutilidade, impotência. Alguns passam a procurar qualquer emprego, a qualquer custo, com baixos salários, longas horas de trabalho, trabalhos precários e informais numa relação que acaba por gerar atos de submissão, alienação e medo intenso com o desemprego. O trabalho, como expressão das relações humano-sociais, como potencialidades humanas universais, parece não mais ser reconhecido na sociedade. Os jovens vêm estabelecendo com ele um significado ambivalente que oscila entre o desejo e a desconfiança.

Como sujeitos singulares, se apropriam do social, modificando sentidos, aspirações e práticas que se tornam educativas, interpretam e significam seu mundo e as relações que estabelecem. Isto significa que estes oito jovens têm projetos, sonhos e desejos, como já observado. Sintetizado nos resultados desta investigação, montar o próprio negócio é o desejo de um jovem solteiro que quer ter sua própria boate e uma jovem casada, na área de Administração, que quer trabalhar com assessoria. Estes jovens conjugam maior liberdade sem depender da família ou de um patrão.

Encontram-se apenas duas jovens que não desejam mudar de área. No entanto, são seis jovens que sonham com a carreira universitária, uma jovem que deseja ser bancária, mas se

impõe muitos limites pela baixa escolaridade e baixa-estima, uma jovem e um jovem que desejam associar cursos à arte, moda e desenho, dispondo seus potenciais talentosos. Outros dois jovens pretendem cursos mais ligados à natureza, um deles, Jornalismo com meio ambiente e, o outro, como é pescador e também surfista deseja fazer Biologia Marinha ou Geografia. Se são possíveis estas realizações? Para alguns o presente se apresenta como possibilidade, já para outros fica a expectativa com o futuro incerto em relação ao trabalho e a educação.

## **YOUNG WORK AND EDUCATION IN CONTEMPORARY IDENTITY PROCESSES**

### **Abstract**

This paper these are the results of research with young people on the island of Santa Catarina (Florianópolis) who have undergone vocational training and experience various situations of work and education. How do young people construct their identities in these spaces as work and school and what the meanings that emerge from the work and experience with unemployment is the central problem of this study. The objective was to analyze the heterogeneity experienced by young people in establishing relationship with work and education, the meanings of work and experience with unemployment today. The approach is qualitative in that we conducted semi-structured interviews with eight young (four men and four women). The results show that young people are constructed as subjects through different experiences in a procedural relationship dynamics. The dimension that work occupies in their lives, appears as essential in their experiences. Experience with unemployment shows oscillations, fluctuations, inconsistencies, and uncertainties surrounding movements of continuities and discontinuities in the face of changing world of work. The diversity of meanings of work is characterized by the complexity of their own identity ever

constitution, on grounds that the world is constantly changing. Were seized as wires that connect and intersect, depending on the context in which young people experience. The choices are between the uncertainties and actual, possible and desired about their educational and work projects.

**Keywords:** Youth; Identity; Work; Education; The Island of Santa Catarina.

## Referências

- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: Juventude e Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED. Número Especial , n. 5 e 6, 1997.
- ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ANTUNES, Ricardo. **O novo sindicalismo**. São Paulo: Brasil Urgente, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2000.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- BIBIANO, Rui. **A juventude como objeto da história**. Texto de quatro páginas, extraído no dia 20/04/2003, disponível na homepage [http://www.aph.rhctcs.pt/opinião\\_0208.html](http://www.aph.rhctcs.pt/opinião_0208.html).
- BOFF, Leonardo em colaboração com Muller Werner. **Princípio de compaixão e cuidado**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação, crise do trabalho assalariado e do desenvolvimento: teorias em conflito** In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org). Educação e Crise do Trabalho: Perspectivas de final de século. Petrópolis:Vozes, 1998.
- GIOVINAZZO, Carlos Antônio. **Reflexões sobre a formação da juventude e da adolescência na sociedade moderna**. Trabalho completo apresentado no Colóquio Nacional “Dialética Negativa, Estética e Educação”. Disponível na homepage [http://órbita.starmedia.com/escola\\_de\\_Frankfurt/Carlos.ht/](http://órbita.starmedia.com/escola_de_Frankfurt/Carlos.ht/). Acesso em 20/08/2008.
- HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la accion comunicativa**. Madrid: Tauros, 1987. Tomos I e II.
- HIRATA, Helena. Da polarização das qualificações no modelo das competências. In: FERRETTI, Celso et alli (orgs). **Tecnologias, trabalho e educação**. Um debate multidisciplinar. Petrópolis:Vozes, 1994.
- KUHNEN, Ariane. **Lagoa da Conceição: meio ambiente e modos de vida em transformação**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002
- MARQUES, Maria Ornélia da Silveira. Escola noturna e jovens. In : Juventude e contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED. Número Especial , n. 5 e 6, 1997.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômicos- filosóficos**. Lisboa: Edições 70, 1989.
- \_\_\_\_\_. **O Capital**. Livro I, vols. 1 e 2, Livro III, vol. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- MELUCCI, Alberto. **Il gioco dell'io: il cambiamento de sé in una società globale**. Milano: Editore Feltrinelli, 2002.

\_\_\_\_\_. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas.** Petrópolis: Vozes, 2003.

NAKANO, Marilena. **Jovens: Vida Associativa e Subjetividade: um estudo dos jovens do Jardim Oratório.** Departamento de História e Filosofia da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo. (Dissertação de Mestrado) 1995.

PAIS, José Machado. **Ganchos, Tachos e Biscates: jovens, trabalho e futuro** Porto: Ambar, 2001.

RAITZ, Tânia Regina. **Jovens, trabalho e educação: rede de significados dos processos identitários na Ilha de Santa Catarina** (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-Graduação em Educação – FACED, Porto Alegre, 2003.

SAWAIA, Bader B. “O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão”. In: **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social.** Petrópolis: Vozes, 1999.

SPINOSA, B. **Ética**, 3ª edição, São Paulo: ATENA, 1957.

SPOSITO, Marília Pontes (coord). Estado do Conhecimento Juventude e Escolarização. CD-ROM ANPED. São Paulo, Brasília: ANPED, INEP, Ação Educativa, 2000. Disponível em: <HTTP://www.aracati.org.br/portal/pdf>. Acesso em 4 de setembro de 2010.

\_\_\_\_\_. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos, ação coletiva da cidade. In: **Revista de Sociologia da USP.** São Paulo, vol. 1-2, p. 161-178, nov. 1994.

\_\_\_\_\_. Estudos sobre juventude em educação. In: Juventude e Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação.** Número Especial, 5 e 6. São Paulo: ANPED, 1997.

\_\_\_\_\_. Educação e Juventude. In: **Educação em Revista,** FEA/UFMG, n° 29/ p. 3-9, junho, 1999.

\_\_\_\_\_. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. In: **Revista Brasileira de Educação.** São Paulo: ANPED, n. 13, 2000.

ZUCHETTI, Dinorá. **Jovens: a educação, o cuidado e o trabalho como éticas de ser e estar no mundo.** (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2002.

ZUCHETTI, Dinorá. A produção de sentidos sobre jovens e juventudes. **Revista Digital – Buenos Aires – Año 13 – n. 123 – Agosto de 2008.** Disponível em <http://www.efdeportes.com>. Acesso em 12 de outubro de 2010.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Pioneira, 1980.

**Data de recebimento:** 05/04/2011

**Data de aceite:** 21/06/2011